

## Noite de Tererê

Laranja quase-abóbora, amarelinho-limão, rosa-pink e roxinha-alegre eram quatro linhas que sonhavam brincar, dançar, se enrolar, mas viviam presas nos carretéis. Preteridas pelo vermelho, azul e até mesmo o verde, estavam tristes e resmungentas.

Em uma noite de guarda-chuva, apareceu na barraca do artesão uma menina de olhos de coruja e cabelos mel nunca cacheados. Ela desejava, há muito, um tererê. Juntou, paciente e determinada, moedinhas esquecidas aqui e acolá. E olhou grande para os pais quando as moedas já não cabiam nas mãozinhas em concha.

A menina deu um pulo de alegria quando disseram sim. E correu para a feirinha de artesanato naquela noite molhada e escura. O moço a chamou para dentro da barraca, hora de escolher as cores. Eram muitas e todas lindas. Ela não hesitou em apontar a laranjinha-quase-abóbora com a primeira companheira dos seus cabelos. Sempre gostou de cores fortes. Olhou novamente e escutou o grito do amarelo-limão, agitado, quase derrubando o carretel. Soltou uma risada, ele foi o segundo escolhido. Depois, permaneceu ali, parada, enquanto a rosa-pink suspirava de emoção, eu, eu, eu. A menina passou o dedinho fura-bolo nela e não teve dúvidas, mais essa. A farra estava quase completa. Os três há muito desejavam brincar juntos e viver grandes aventuras, mas nunca eram escolhidos.

O artesão avisou, ainda falta uma cor. E a roxinha-alegre, que estremecia do outro lado e ninguém a enxergava, estava quase desistindo. O carretel tentava ajudar, se balançando todo, mas o medo de cair da mesa e ninguém perceber era grande. A menina olhava, olhava, indecisa. O vermelho-vivo era irritante, o branco sem graça, o preto, preto demais, o marrom não combinava, o azul era marinho e o verde-bandeira que o artesão sugeriu, de jeito nenhum. A roxinha-alegre começou a chorar, desanimada. A menina parou nela, pegou o carretel, quase o cheirou: pronto!

Uma combinação e tanto, disso o artesão. A menina sorriu, daquele jeito de lua cheia, que ilumina ruas e corações. Ela se sentou no banquinho que o moço mostrou, satisfeita com o sonho que ali realizava, pedacinho a pedacinho. E pelo espelho namorava a dança das cores, as linhas voavam, gritavam, como ela mesma em brinquedo de parque.

O amarelinho-limão era o mais animado, corria, pulava, a roxinha-alegre rodava mais rápido, a laranja-quase-abóbora abraçava miçangas e a rosa-pink se trançava toda.

O artesão pedia calma com os dedos. As cores, ansiosas demais, se embolavam numa algaravia sem fim. Um feixe fino e comprido do cabelo foi separado e ganhava forma e colorido, uma trança mágica? A menina pensava, enquanto ouvia a tagarelice das linhas, como brincam, como brilham! Com vocês quero grandes aventuras. Ela sorria por dentro e fazia figas para esticar o tempo, enquanto as linhas, agarradinhas, se transformavam em um colorido tererê. O artesão, de quando em quando, perguntava se estava tudo bem, era preciso esticar muito a mecha do cabelo, um nó firme na base, alguns outros pelo caminho para a troca de cores e tudo isso era lindo para a menina, um espetáculo e tanto, ela convidada de honra. As cores se enroscavam, se exaltavam, ruggas, briguinhas de irmãos. Agora eu, pedia a laranja-quase-abóbora, querendo cobrir a maior parte do cabelo, enquanto a roxinha-alegre reclamava: isso não é justo! A rosa-pink segurava o amarelinho-limão, que queria brincar de pega-pega justo na hora dos nós. E as mãos hábeis do artesão orquestravam aquela alegria. Ao final, após o último e mais apertado nó, deixou que a menina acariciasse sua pequena grande obra, oferecendo-lhe ainda, pedrinhas de cristal, letrinhas, golfinhos e tartarugas para ornamento das pontas.

Todas as linhas ganharam mimos. E a menina não conseguia desviar os olhos do espelho. Meu tererê, meu lindo e amado tererê. As cores, agora, descansavam, harmonizadas, em missão cumprida. Vocês serão minhas companheiras eternas, a menina disse, sorrindo. E foi então que o artesão pediu sua atenção, falando em sussurros: não é para sempre, não pode ser. E mostrou o local correto, um pouco acima do último nó. É aqui que você deve cortar, depois de um mês. O tererê não pode viver mais que isso.

A menina ficou quieta, parada, acariciando pedrinhas e golfinhos. Quis chorar, mas puxou o tererê para frente do rosto, beijou as linhas e as jogou para trás. E também em sussurros, olhando miúdo para o artesão, perguntou: elas não ouviram, né? E sem escutar a resposta, saiu lépida e saltitante, tomando o rumo de casa.

Felipe Roberto